

O Pensamento Dúbio do *Mahatma* Gandhi

Newton Cunha

É possível que algumas pessoas ainda se lembrem e reconheçam a extraordinária figura de Mohandas Gandhi, sua política de desobediência civil (*satyagraha* ou insistência na verdade) e de não violência ou agressão (*ahimsa*), na luta vitoriosa pela independência da Índia (*Hind-Swarâdj*), considerando-o, e com razão, um dos homens mais carismáticos e respeitados do século XX.

Nos Estados Unidos, por exemplo, Martin Luther King aderiu às ideias de Gandhi, como o confessa em sua autobiografia: “Ao lê-lo, fiquei profundamente fascinado com as suas campanhas de resistência não violenta. Fiquei particularmente emocionado com a sua Marcha do Sal ao Mar e com os seus numerosos jejuns. Todo o conceito de *Satyagraha* (*Satya* é a verdade que é igual ao amor, e *agraha* é força; *Satyagraha*, portanto, significa força da verdade ou força do amor) foi profundamente significativo para mim. Ao aprofundar a filosofia de Gandhi, o meu ceticismo em relação ao poder do amor diminuiu gradualmente, e eu vim a ver pela primeira vez o seu poder na área da reforma social. ... Foi nesta ênfase gandhiana no amor e na não-violência que descobri o método de reforma social que eu havia procurado”.¹

¹ As I read I became deeply fascinated by his campaigns of nonviolent resistance. I was particularly moved by his Salt March to the Sea and his numerous fasts. The whole concept of *Satyagraha* (*Satya* is truth which equals love, and *agraha* is force; *Satyagraha*, therefore, means truth force or love force) was profoundly significant to me. As I delved deeper into the philosophy of Gandhi, my skepticism concerning the power of love gradually diminished, and I came to see for the first time its potency in the area of social reform. ... It was in this Gandhian emphasis on love and nonviolence that I discovered the method for social reform that I had been seeking. The Autobiography of Martin Luther King, Clayborne Ed., 1998.

Mas o que provavelmente já tenha sido esquecido foi seu julgamento extremamente severo e reprobatório de tudo aquilo que o Ocidente representou para si mesmo como civilização, nela se incluindo formas e objetivos de vida, a ciência, o domínio e o desenvolvimento das mais variadas técnicas. Sua crítica não foi a de um filósofo, crítico ou sociólogo, como ressaltou seu amigo e poeta Lanza del Vasco, mas a de um homem profundamente religioso, a de um político anticolonialista e homem culturalmente conservador ou tradicionalista.

De modo curioso ou inesperado, foi justamente na Inglaterra, onde cursou direito no *University College* de Londres, que pôde descobrir os textos sagrados hinduístas, como o *Bhagavad Gita* e os *Upanishads*, na tradução inglesa, e conhecer de perto os valores opostos da sociedade europeia, sobretudo os ingleses, nos anos em que permaneceu naquela metrópole, então centro de decisões mundiais.

E em 1908, viajando da Inglaterra para a África do Sul, onde ainda trabalharia até os seus 45 anos (quando só então regressaria para a Índia, dando início à sua trajetória política), pôs-se a escrever em *gujarati* seu primeiro libelo em prol da *Independência da Índia*, inicialmente publicado no *Indian Opinion* da África do Sul (mas proibido de circular na própria Índia pelas autoridades inglesas) e cuja tradução em francês recebeu o bem diferente título de *Leur Civilisation et Notre Délivrance* (Sua Civilização e Nossa Independência), Ed. Denoël, 1957.

Logo na abertura do opúsculo, e à guisa de explicação, afirma Gandhi: “Esse pequeno livro é uma severa condenação da ‘civilização moderna’... depois disso (de tê-lo escrito), minha convicção só fez acentuar-se. A Índia, se ela se decidir a lutar contra

a civilização moderna, só tem a ganhar... Eu não desejo suprimir as estradas de ferro e os hospitais, mas seu desaparecimento natural seria para mim um regozijo... tudo o que se pode dizer é que eles são um mal necessário... e jamais acrescentaram o que quer que seja à grandeza moral de um país”.

Já no capítulo intitulado *Civilização*, Gandhi retoma o assunto e se mostra enfático: “A civilização moderna só tem de civilizado o nome e, na verdade, arruína e degrada, cada dia mais, os países da Europa... Sociedades foram formadas para curar o país dos males engendrados pela civilização... Aquele que trabalha na atmosfera pestilenta da civilização moderna é semelhante a um homem que sonha... Vejamos, primeiramente, o estado das coisas que subentende a palavra civilização. As pessoas que a defendem fazem do bem-estar material o principal objeto de sua vida. Tomemos alguns exemplos. Os povos da Europa moram melhor do que há cem anos antes. Isso é considerado como a própria marca da civilização e esse progresso contribui para a felicidade material... Em outros tempos, na Europa, o trabalho da terra se fazia à mão. Agora, um homem pode, por si só, arar vastos terrenos por meio de máquinas motorizadas e assim obter grandes riquezas. É o que se chama um signo de civilização. Em outros tempos, apenas alguns homens escreviam livros de valor. Em nossos dias, todo o mundo escreve e publica não importa o quê, e assim se envenena o espírito das pessoas. Antigamente, viajava-se em charrete. Agora, nos deslocamos pelo ar e cobrimos centenas de quilômetros num só dia. Tudo isso é considerado o cume da civilização”.

À maneira de um profeta visionário, sentencia até mesmo o advento da digitalização atual: “Os homens não precisarão mais de seus pés e de suas mãos. Apertarão um botão e suas roupas se

porão diante deles. Apertarão um outro botão para ter seu jornal. Sobre um terceiro, e uma viatura lhes virá buscar... Tudo isso será feito por máquinas. Antigamente, quando as pessoas queriam lutar, mediam-se no corpo-a-corpo. Hoje, um só homem pode, com uma metralhadora, abater milhares de pessoas. É a civilização... Antes, os homens eram reduzidos à escravidão por constrangimento físico. Agora, eles o são pela tentação que representa o dinheiro, e por tudo o que ele permite adquirir. Em nossos dias, existem doenças que antes jamais teríamos imaginado e que exigem um exército de médicos em busca de remédios, e um forte aumento de hospitais. É ainda um resultado da civilização... Antes, as pessoas se alimentavam de duas ou três refeições compostas de pão que elas mesmo haviam produzido e de legumes; agora, querem comer a cada duas horas e mal encontram tempo de fazer outra coisa... Essa civilização não se importa com a moral e a religião; seus adeptos declaram calmamente que seu trabalho não é o de ensinar a religião. Muitos dentre eles dizem até que ela não passa de uma crença supersticiosa...

Essa civilização é a própria irreligião, e seu império é tal sobre os europeus que aqueles que a suportam nos parecem semiloucos... Eles têm dificuldade em ser felizes na solidão. As mulheres, que deveriam ser as rainhas do lar, erram pelas ruas ou se extenuam nas fábricas...

Essa civilização é de tal natureza que basta esperarmos com paciência que ela se autodestrua... O Hinduísmo a chama de *Idade Negra*".

O conservadorismo de Gandhi talvez tenha sido causa de seu pouco empenho em enfrentar com mais vigor o milenar sistema de castas indiano. Embora haja condenado o preconceito contra os

párias, intocáveis ou *dalits* (os que estão no exterior dessa ordem) do hierárquico sistema social de seu país, Gandhi, nascido entre os *shudras* (trabalhadores manuais, artesãos) estava igualmente convencido da *perfeição cósmica e orgânica da ordem quadripartida* ou das quatro *varna* (brâmanes, guerreiros, comerciantes e artesãos). A hereditariedade do passado era, portanto, uma garantia de ordem, de paz e de equilíbrio social.²

Já para Arundhati Roy, a autora indiana vencedora do prêmio *Booker* de 2014, Mahatma Gandhi era um discredicionado convicto e, por esse motivo, pediu que as instituições com seu nome fossem renomeadas. Falando na Universidade de Kerala, na cidade de Thiruvananthapuram, no sul da Índia, Roy, então com 52 anos, descreveu a imagem geralmente aceita de Gandhi como uma mentira. "É hora de revelar algumas verdades sobre uma pessoa cuja doutrina de não-violência se baseou na aceitação de uma hierarquia social a mais brutal já conhecida, o sistema de castas ... Precisamos realmente nomear nossas universidades em sua homenagem"?³

A posição de Gandhi é por vezes confrontada de modo evasivo, como a opinião reservada de Bhimrao Ramji Ambedkar, um *dalit* que veio a ser líder proeminente do movimento de independência e o primeiro ministro da justiça da Índia (sob Nehru), responsável por grande parte da constituição do país. Em 1955, numa entrevista à BBC, acusou Gandhi de escrever contra o sistema de castas em jornais de língua inglesa, mas a favor em sua língua natal, o *gujarati*.

² A partir da independência, consideram-se também os *jatis*, ou comunidades de referência, como os leiteiros, açougueiros, pescadores, tecelões, ou seja, profissões familiares ou também de origens tribais, que fazem parte hoje em dia de partidos políticos à moda ocidental.

³ *It is time to unveil a few truths about a person whose doctrine of nonviolence was based on the acceptance of a most brutal social hierarchy ever known, the caste system ... Do we really need to name our universities after him?* (The Gardian Journal, 18.7.2014)

Antes, em 1936, Ambedkar havia escrito um discurso intitulado *The Annihilation of Caste*, que não foi pronunciado nem publicado. Arundhati Roy, recentemente, escreveu uma nova introdução àquele discurso não entregue de Ambedkar, no qual o professor e líder político (e também fundador do Partido Trabalhista Independente da Índia) se referia a Gandhi como "o santo do *status quo*".

Diante de aspectos tão nuançados, cabe ao possível leitor, ocidental ou não, tirar suas próprias conclusões a respeito do *Mahatma*.